



PODER JUDICIÁRIO  
**JUSTIÇA FEDERAL**  
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO DE JANEIRO

**QUINTA VARA FEDERAL**

**ASSENTADA**

**AUTOS DO PROCESSO N. 0023014-82.2016.4.02.5101 (2016.51.01.023014-7)**

**AUTOR: VITOR SANTIAGO BORGES E OUTROS**

**ADV/A: JOÃO TANCREDO**

**ADV/A: RICARDO DEZZANI COUTINHO**

**RÉ: UNIÃO FEDERAL**

**ADV/R: KARLA PINTO FERRAZ MAFRA**

**PROCURADOR DA REPÚBLICA: ALEXANDRE RIBEIRO CHAVES**

**JUIZ FEDERAL: SERGIO BOCAYUVA TAVARES DE OLIVEIRA DIAS**

Compromissada na forma da Lei e advertida das sanções legais a que se submete em caso de falso testemunho, a testemunha ALLAN DA SILVA (brasileiro, solteiro, atendente, RG [REDACTED] DETRAN/RJ; CPF: [REDACTED] residente na [REDACTED], Vila do João) ofereceu o seguinte depoimento às perguntas que lhe foram dirigidas: que não possui parentesco com os Autores e não possui qualquer interesse no processo, não tendo qualquer ação em face da Ré; que conheceu Vitor no dia do evento, sendo que foi junto com Vitor assistir a um jogo de futebol; que o depoente estava no carro junto com Vitor, sentado atrás, no meio, enquanto Vitor estava em no seu lado direito; que mora próximo de Vitor; que os fatos aconteceram mais ou menos próximo à casa do depoente; que o depoente e demais ocupantes do carro foram abordados por militares, sendo que desceram e foram revistados; que nessa primeira ocasião a abordagem foi normal, não tendo havido reclamação por parte do depoente ou dos demais ocupantes do veículo, tampouco, agressividade dos militares; que depois da abordagem o depoente e os demais que com ele estavam entraram no carro e seguiram caminho; que passados 10 minutos, aproximadamente, entraram em outra rua, quando começaram os disparos contra o carro; que o depoente foi atingido no pé; que o depoente, quando se deu conta, já estava “entrando bala dentro do carro”, não tendo avistado, antes disso, os militares; que o carro era dirigido por Adriano, que estava devagar na ocasião; que o carro estava com os vidros abertos e tudo estava tranquilo quando os disparos começaram; que o depoente não foi preso na ocasião; que foi à casa de Vitor depois do ocorrido mais de uma vez; que moram com Vitor pai, mãe e dois irmãos; que o depoente conhece a filha de Vitor; que a filha tem ficado mais tempo com o pai Vitor; que se não se engana a mãe de Vitor trabalhava em uma loja, mas que ela deixou de trabalhar para cuidar do filho



PODER JUDICIÁRIO  
**JUSTIÇA FEDERAL**  
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO DE JANEIRO

Vitor; que o depoente não chegou a ir ao local de trabalho da mãe de Vitor; que a casa de Vitor é no segundo andar e que no primeiro andar, acha, que mora outra família; que não sabe a profissão do pai ou dos irmãos de Vitor e se eles trabalham; às perguntas do advogado aos Autores respondeu que o carro também foi revistado na primeira abordagem; que o depoente prestou declarações a militares pelo ocorrido; que o depoente assinou, bem depois, de ter prestado declarações, o documento que lhe foi apresentado; que o depoente não disse ter visto tropa militar na rua antes de chegar perto da casa do primo Pablo, negando a versão mencionada pelo advogado (fl. 600); que também não afirmou ter avistado sinal de parar como está escrito na versão lida pelo advogado; que o depoente também nega que Adriano teria lançado o carro para a esquerda, como está na versão mencionada pelo advogado; que o depoente nega, novamente, que não avistou militares na hora dos tiros; que nega ter ouvido ordem de parar emitida pelos militares; que nega, também, a afirmação de que todos os ocupantes do veículo ouviram ordem de parar, como consta no depoimento prestado no IPM (fls. 600/601); que antes de depôs, o declarante ficou trancado dentro de um contêiner por cerca de cinco horas; que o depoente assinou o documento que lhe foi apresentado mas não leu o documento; às perguntada da Ré respondeu que bebeu um pouco no jogo de futebol mas não o motorista; que confirma que beberam em torno de 10, 15 ou 20 cervejas; (fl. 601); às perguntas do Procurador da República respondeu que bem depois de ter prestado depoimento assinou o documento apresentado no IPM; que o documento foi apresentado para ser assinado dentro do contêiner, onde esteve preso; que o depoente prestou depoimento e em seguida voltou para o contêiner; que o depoente não teve oportunidade de ligar para alguém da família ou para advogado. Sem mais perguntas, pelo MM. Juiz foi encerrada a oitiva da testemunha.

JUIZ FEDERAL:

PROCURADOR DA REPÚBLICA:

ADVOGADO DOS AUTORES:

ADVOGADO DOS AUTORES:

ADVOGADOA DA UNIÃO:

TESTEMUNHA:

*Sergio Dias*  
*[Assinatura]*  
*[Assinatura]*  
*[Assinatura]*  
*[Assinatura]*  
*Allan de Silva*

O 2º CONDUZIDO, ALLAN DA SILVA, brasileiro, solteiro, atendente, portador do RG nº [REDACTED] inscrito no CPF sob o nº [REDACTED], filho de Maria das Graças da Silva e pai não declarado, residente na Rua [REDACTED].

**DISSE QUE:** Foi com mais dois amigos até o Bonsucesso encontrando com mais 2 (dois) amigos, num barzinho que fica naquela região; disse que chegaram no bar por volta das 2:00h permanecendo lá até por volta da 3:15h. Em seguida informou que acharam que estava muito tarde e resolveram voltar para casa, quando pararam para lanchar na lanchonete Rosinha, mas chegando ao local estava fechado. Em seguida disse que seu cunhado ADRIANO, estava dirigindo o veículo em direção a casa do primo, Sgt PABLO, pois a mesma era a mais próxima do local onde se encontravam. Antes de chegar a casa do primo PABLO, passou por uma rua que não sabe informar o nome, e viu que a tropa estava no local, sendo que tinham militares a pé, além de blindado e Jipe. Foi quando viu que os militares fizeram sinal de parada e

solicitaram verbalmente que parasse o veículo. Como o seu cunhado estava no meio da rua, jogou o carro para o canto esquerdo da rua, e foi aí que não deu tempo de parar e os tiros vieram em cima dagente, antes mesmo de parar. Foi aí que nem chegou a descer do carro, pois foi quando o tiro pegou. Depois do desespero, com muito sangue, abrimos a porta do carro e se jogamos no chão. Depois foi solicitado pelo militares que deitasse no chão com a mão na cabeça, solicitando ajuda ao colega que não conseguia sair do veículo. Depois de acalmar, pegaram os feridos mais graves colocaram dentro do blindado e levaram pra UPA, deixando eu e meu primo para trás. Disse que arrumaram uma moto no local para ir para o UPA. Chegando lá, todos os demais colegas já estavam sendo atendidos no UPA. De lá, a viatura blindada trouxe o depoente até esta unidade para prestar depoimento. Foi lhe perguntado se ingeriram bebida alcoólica e disse que beberam cervejas, e por volta de 10, 15, até 20, sendo distribuído entre os 5 (cinco) colegas. Foi lhe perguntado o local onde estava dentro do veículo e foi dito que estava sentado no meio no banco de trás do veículo. Foi lhe perguntado quem dirigia o veículo e disse que o cunhado. Foi lhe perguntado em que velocidade aproximada estava o veículo e disse que não estava muito rápido, devagar, e que logo ao entrar na rua avistou os militares. Foi lhe perguntado se viu tropas militares dentro daquela região da comunidade e foi dito que sim, que geralmente a pé, mas também vê viaturas e blindados circulando no local, que também vê muito na entrada da Comunidade na altura da Linha Amarela várias operações dos militares de revista, abordagem de pessoas e veículos, que inclusive ao entrar na Comunidade da Vila do João alguns minutos antes foram abordados por outros militares. Foi lhe perguntado se ouviu a ordem de parada do veículo e disse que sim, que ouviu claramente. Foi lhe perguntado se o rádio do carro estava ligado e se ouviam música, e respondeu que sim, mas que não estava muito alto a ordem de parar e viram também o miitar fazendo gesto para parar. Foi lhe perguntado se no momento em que ouviu a ordem de parada da tropa falou para o motorista parar e disse que não falou nada, que todos tinham ouvido a ordem de parada e que inclusive o motorista tinha ouvido a ordem de parar e que parou o veículo mais a frente. E, nada mais disse e nem lhe foi perguntado.